

NEOPALIMPSESTOS, APROPRIAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO COM ARTE

Margarita Kremer e Yuri Flores Machado, do Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos

Em continuidade a *A Condição Básica* e utilizando, igualmente, como ponto de partida o procedimento da apropriação artística, mas em uma nova perspectiva, a Fundação Vera Chaves Barcellos apresenta, no segundo semestre de 2018, a exposição *Apropriações, Variações e Neopalimpsestos*, com curadoria coletiva de sua equipe.

As obras constantes na exposição seguem alguns conceitos e modos de fazer colocados em prática desde o início do século XX: a apropriação, a sobreposição de camadas, o reaproveitamento de processos artísticos anteriores como modos de fazer estabelecidos, renovados continuamente.

Entendemos a apropriação em arte como o ato de apropriar-se de imagens ou de objetos, dando-lhes novas funções e alterando as suas possibilidades de significação. Essa maneira de operar continua em expansão no século XXI, quando os artistas apropriam-se com ainda mais ímpeto e criatividade, utilizando-se das novas tecnologias disponíveis.

Refletindo sobre os procedimentos de apropriação em arte, o Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos selecionou seis obras e outras relacionadas. Também acrescentamos a série *Jogos de Arte*, gentilmente disponibilizada por Regina Silveira para xerocar e jogar, em que a artista apropria-se de *Guernica* (1937) e *Les Femmes d'Alger* (1907), de Pablo Picasso e *Apolinère Enamelled* (1916), de Marcel Duchamp.

A escola, nesta perspectiva, é um ambiente privilegiado para o debate. A arte enquanto ressonância de contextos socioculturais que, mesmo separados pelo tempo, possuem ligações entre si, desvendadas pelo recorrente fazer dos artistas visuais. Nesse sentido, as apropriações, as variações e os neopalimpsestos, que são “re-raspados” incessantemente durante a longa história da cultura, estabelecem uma continuidade transtemporal que tem assegurado a vitalidade da arte. Memória, geopolítica, economia, comunicação, literatura e história da arte são algumas das possibilidades que transitam nesta exposição.

Política, comunicação, mídia, ciência e epistemologia, processos mais amplos do que a própria arte, ainda que, seja dela que eles emergem, implicarão na ética e nos modos de nos conduzir no mundo. As relações com os outros, os contágios entre arte e vida e os modos de interpretação do mundo que vivemos são as experiências que propomos, tanto na visita à Sala dos Pomares, como nas propostas deste material educativo para professores e para estudantes.

GLOSSÁRIO

Analogia: ponto de semelhança entre objetos diferentes; semelhança.

Apropriação: ato de apropriar-se de imagens ou de objetos já existentes, dando-lhes novas funções e/ou alterando suas possibilidades de significação ou de uso.

Arte/Política: a relação entre arte e política é uma constante na arte latino-americana. No início do século XX, por exemplo, artistas como Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alvaro Siqueiros, no México, associaram-se ao projeto de reformas encabeçado pelo novo presidente do país, Álvaro Obregón, e produziram uma arte de viés político e panfletário, que glorificava a história do povo mexicano e a nova situação vivida. Já nas décadas de 1960 e 1970, vários artistas no Brasil, na Argentina e no Chile produziram trabalhos críticos e de denúncia contra as ditaduras que assolavam esses países. É importante lembrar, porém, que a arte também pode ser uma ação política quando, através de seu impacto estético, ativa a percepção daqueles que entram em contato com ela e proporciona outros pontos de vista que podem ser transformadores e mobilizadores.

Arte Postal: são assim denominados os trabalhos que, para existirem como tal, necessitam ser enviados pelo correio ou por sistema semelhante de entregas, explorando a possibilidade de atingir o público nas distâncias mais remotas. Nesse aspecto, é comparável à *web art*, todas partilhando os princípios da arte conceitual. A denominação se aplica tanto ao processo, como às obras em si.

Burocracia: administração pública por funcionário sujeito à hierarquia e a regulamentos rígidos e inflexíveis. Administração com formalidades não necessárias.

Centro/Periferia: conceito utilizado em geopolítica para designar as nações econômica e politicamente hegemônicas (centro) e os países, chamados periféricos, dependentes dessas nações (periferia). As diversas regiões do globo possuem países centrais e periféricos em permanente relação de dependência e disputa. Em nível nacional, a exemplo do Brasil, temos também uma clara divisão entre os centros hegemônicos e periféricos, principalmente no que se refere a valores econômicos.

Cidade: área urbanizada, diferente da vila ou da aldeia, utilizando critérios como densidade populacional, o estatuto legal e o território que abrange.

Citação: do latim *citatio onis*. Ação ou efeito de citar. A referência ou o trecho que foi citado.

Comunicação: entende-se a comunicação como o intercâmbio de informação entre sujeitos ou objetos, havendo, para tanto, conhecimento do código interpretativo, ou seja, daquilo que permite a compreensão da mensagem. Exemplo: se você está lendo e compreendendo o que está escrito, há um tipo de comunicação e muito se deve ao fato de dividirmos o mesmo código, no caso, a língua portuguesa, mas também há uma familiaridade com um tipo de vocabulário. No meio do processo de comunicação, podem haver ruídos, tanto tecnológicos, como decorrentes de lacunas de código por parte de um ou de outro participante.

Cópia: reprodução manual ou automática de um texto, de um documento, etc. Imitação exata de uma obra de arte. Imitação desonesta de uma obra: plágio. Reprodução de uma matriz fonográfica em disco ou fita. Informática: cópia de segurança, dita também *backup*, ou seja, uma cópia de um arquivo ou de um conjunto de dados que é conservada para referência em caso de dano ou de destruição do original. Com o advento da internet, tornou-se uma impossibilidade o controle da reprodução, da digitalização e da circulação de documentos e de imagens, sendo essa nova dimensão e dinâmica da reprodutibilidade técnica, objeto de preocupação de governos, de empresas, de artistas e de escritores.

Democracia: governo do povo fundamentado no sufrágio universal, na divisão e na alternância de poderes.

Design Gráfico: área do design que se dedica aos trabalhos gráficos e bidimensionais, diferenciando-se, com isso, do design de produto, que atende às demandas tridimensionais. O profissional que se dedica a esse ramo, o *designer gráfico*, trabalha com projeto e editoração de livros, com criação de cartazes, de embalagens, de identidades visuais para empresas, entre outras atividades. A partir da década de 1960, encontramos diversos artistas apropriando-se de procedimentos e de linguagens das artes gráficas para desenvolver suas propostas conceituais, como são os casos de Julio Plaza e Wladimir Dias-Pino.

Dialética: em filosofia, significa oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou entre fenômenos empíricos. Busca da verdade por meio do diálogo.

Dicotomia: é a divisão de um elemento em duas partes, em geral contrárias, como a noite e o dia, o bem e o mal, o preto e o branco, o céu e o inferno, etc. Com origem no grego *dikhotomia*, uma dicotomia indica uma classificação que é fundamentada em uma divisão entre dois elementos opostos.

Epistemologia: reflexão geral sobre a natureza, as etapas e os limites do conhecimento humano, especialmente na relação entre o sujeito que indaga e o objeto inerte. Estudo dos postulados, das conclusões e dos métodos dos diferentes campos do saber científico. Teoria do conhecimento.

Forma: configuração física dos seres e das coisas.

Instalação: termo que entrou em voga na década de 70 para denominar experiências iniciadas na década anterior, designando *assemblages* de objetos ou *ambientes* construídos em uma galeria ou em um museu para uma exposição em particular.

Geopolítica: estudo da influência dos fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política de um Estado e da sua relação com outras nações.

Hibridismo cultural: fenômeno histórico-social existente desde os primeiros deslocamentos humanos que resultam em contatos entre grupos distintos. Um migrante é um sujeito híbrido, pois, ao deixar a sua terra natal, opera uma transformação ao encontrar outros hábitos, crenças e uma cosmogonia diferente da sua, a esse ato humano de amalgamar culturas díspares é dado o nome de hibridismo cultural.

Intertextualidade: uma espécie de conversa ou de conexão entre textos, esta interação pode aparecer explicitamente diante do leitor ou estar em uma camada subentendida, nos mais diferentes gêneros textuais. O conceito foi introduzido, na década de 1960, pela crítica literária francesa Julia Kristeva. Em um sentido mais explícito, o termo pode ser aplicado aos casos célebres da literatura universal, lembremos, por exemplo, de *Ulisses* de James Joyce e a *Odisseia* de Homero. Quanto maior a experiência de mundo e a vivência cultural de um sujeito, maior será a quantidade de mecanismos intertextuais identificados por ele. O conceito de intertextualidade acabou por migrar para outros campos do conhecimento, tal como, o campo das artes visuais. O intertexto só funciona quando o leitor/espectador é capaz de perceber a referência do autor a outras obras ou a fragmentos identificáveis de variados textos/obras de arte. Esse recurso assume papéis distintos conforme a textura na qual é inserido. A pressuposta cultura geral relacionada ao uso deste mecanismo literário deve, portanto, ser compartilhada entre autores/artistas visuais e leitores/espectadores.

Marcel Duchamp (1887-1968): artista e teórico da arte francês, Duchamp é visto como uma das figuras mais influentes da arte do século XX, devido à originalidade e à fertilidade de suas ideias. A partir de 1912, o artista abandonou os meios convencionais. Montando uma roda de bicicleta sobre um banquinho de cozinha, obra de 1913, inventou o *ready-made*, composto, na verdade, por dois objetos destituídos das suas funções utilitárias. Aqui, a história da arte costuma classificá-la como um *ready-made*, contudo, podemos considerá-la um *assemblage*. Posteriormente, trouxe ao público um porta-garrafas (1914), comprado num armazém parisiense, e um mictório, assinado como R. Mutt, ao qual deu o nome de *Fonte* (1917), estes, sim, sendo *ready-made*. Tentou, sem sucesso (como ele mesmo reconheceu), destruir a mística do gosto e desmontar o conceito de beleza estética. Inscreveu-se entre os poucos que, em sua geração, revolucionaram os conceitos de arte, de gosto e de beleza no século XX e que ainda reverberam na arte realizada no século XXI.

Metáfora: figura de linguagem onde um termo é substituído por outro na expressão escrita ou oral em uma relação de analogia, estabelecendo uma semelhança de sentido entre ambos, disparando uma imagem mental em lugar da imagem original. A metáfora é um fenômeno linguístico que enriquece e transforma a linguagem humana, sendo uma das responsáveis pela sua constante transformação.

Neopalimpsesto: neologismo que significa um pergaminho reaproveitado, cujo texto foi escrito em cima de outro, que foi raspado inúmeras vezes e em tempos distintos. Há uma analogia com a prática da apropriação e da reapropriação de materiais, de processos e de obras de arte.

Palimpsesto: pergaminho reaproveitado cujo texto foi escrito em cima de outro, que foi raspado.

Poesia Concreta: trata-se de um tipo de poesia vanguardista do século XX, de caráter experimental e basicamente visual, que procura estruturar o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte, sendo ele a página de um livro ou não, buscando a superação do verso como unidade rítmico-formal. Em alguns países do mundo, a Poesia Concreta é chamada de Poesia Visual.

Poder: dentre as diversas acepções, autoridade, força, influência.

Releitura: composição ou criação de alguma coisa a partir de outra existente. Em literatura, é a elaboração de uma obra tendo outra como base. Ação de interpretar novamente alguma coisa, acrescentando algo novo e original. Ação ou efeito de reler, de ler novamente.

Repetição: do latim *repetitio*. Ação ou efeito de repetir ou de repetir-se.

Semiótica: chama-se de Semiótica a ciência que estuda os signos e, por extensão, os sistemas de significação.

Signo: aquilo que está no lugar de alguma coisa, que representa alguma coisa. Segundo Charles Sanders Peirce, em relação ao objeto

representado visualmente, temos três tipos de signos: o ícone, que guarda uma relação de instantaneidade com o objeto; o índice, que mantém uma relação de causa e efeito; e o símbolo, produto de uma convenção social e cultural.

Sistema da arte: conjunto dos agentes sociais atuantes no campo da arte, tais como artistas, galeristas, instituições museais, teóricos, professores e críticos de arte, curadores, imprensa especializada, técnicos e restauradores em arte. O campo da arte é influenciado e influencia os mais diversos campos do conhecimento humano.

Sistema econômico: sistema utilizado para regular as diferentes atividades produtivas de um país ou de uma região, tais como o comércio, a agricultura, a indústria e os serviços.

Sistema financeiro: tem como finalidade transferir os recursos em poder dos poupadores e dos investidores para o setor produtivo e para o setor de consumo. É constituído, basicamente, pelos mercados, onde agentes específicos atuam na transferência de recursos (ativos financeiros) por meio de compra, de venda ou de troca. Os principais agentes são as instituições financeiras e os órgãos estatais de regulação.

Tecnologia: conjunto de conhecimentos científicos dos processos e dos métodos utilizados na criação de bens e de serviços.

Trabalho: aplicação de atividade física ou intelectual. Atividade humana aplicada à produção de riqueza. Obra executada ou em via de execução.

Tradução intersemiótica: uma das ideias norteadoras do pensamento de Julio Plaza. Por tradução intersemiótica, o artista entendia ser a transposição de uma peça literária, geralmente um poema (mas às vezes também uma pintura), para outro código diferente (visual, sonoro), mas mantendo as ideias, as estruturas e o modo de funcionamento da peça original. Plaza explorou essa proposta num número bastante grande de sofisticados experimentos, abrangendo praticamente todos os novos meios.

Vanguardas artísticas: movimentos artísticos atuantes, principalmente, na França, na Alemanha e na Rússia no início do século XX. Preconizavam a quebra de regras no processo de criação artística e a dissolução dos preceitos tradicionais das concepções em arte. Atuavam em estreita relação com escritores e com poetas, reivindicando a destruição da tradição acadêmica, bem como a invenção de novas linguagens e poéticas artísticas. Utilizavam "manifestos" como forma de intervenção política na sociedade.

Vazio: que não contém coisa alguma. Sentimento de saudade angustiante e indefinível.

Versão: tradução de um texto. Cada uma das diferentes explicações ou interpretações de um mesmo ponto.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O avesso das coisas*. São Paulo: Record, 2007.

ALPERS, Svetlana. *O projeto de Rembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula/ (elaboração Egon Rangel).- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012. 148p.il.- (PNLD 2012:Dicionários).

FLUSSER, Vilém. *Há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JORQUERA, Anna Jiménez. *Muntadas On Translation*. Barcelona: MACBA, 2002.

LOPONTE, Luciana Grupelli. *Tudo isto que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência*. Revista Brasileira de educação. V.22, nº 69, Abril. Junho de 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC SÃO PAULO, 2009.

SOULAGE, François. *Vera Chaves Barcellos. Obras Incompletas*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2009.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.



ANTONI MUNTADAS

Ladies & Gentlemen, 2001

Livro de Artista

Palavras-chave:

dicotomias – comunicação – signo

Antoni Muntadas, é um artista conceitual que atua, desde os anos sessenta, em variados formatos não tradicionais. Seu trabalho, desde o final dos anos setenta, é dedicado às questões específicas da comunicação humana. Tal como a desconstrução e a formalização da informação, a aceleração e a fascinação pelo tempo no mundo dos meios de comunicação de massas, a mensagem, o conteúdo e seu modo de apresentação, os contextos culturais. *Ladies & Gentleman* (2001) é um álbum de fotografias em que há diversas representações de placas indicativas em banheiros públicos registradas pelo artista. As tradicionais divisões de gênero aparecem em diversos formatos, símbolos e grafias, onde Muntadas trabalha com conceito de eco, um entendimento em que as linguagens ecoam o olhar do espectador. O banheiro público é, indubitavelmente, um lugar que marca a fronteira entre o público e o privado e entre os gêneros. A classificação entre senhoras e cavalheiros tem a mesma validade universal da divisão dicotômica entre dia e noite e, assim, aceitamos isso reproduzindo dezenas de sinais diferentes usados para indicar esses banheiros. Ele mesmo deu o nome de “dicotomias transitivas” aos motivos que lhe interessam e dos quais apropria-se dentro do universo da comunicação.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Peça aos alunos que discutam o que há de particular e o que há de universal nessa obra. O que o artista está propondo quando faz uma coleção destes signos? Pensamos mais com palavras ou com imagens? Como elas traduzem-se? Após debater essas questões divida a turma em grupos para a realização de seis álbuns de fotografias, com até doze imagens cada um, devendo perpassar entre as noções do privado e do público, enfatizando as seguintes temáticas: jogos, lugares preferidos, vestuário, comida, ídolos e eventos ou celebrações. Promova um debate com os alunos sobre as diferentes classificações culturais e o significado das dicotomias em diferentes contextos culturais.

Antoni Muntadas (Barcelona, 1942): Antoni Muntadas nasceu em Barcelona e reside em Nova Iorque desde 1971. Estudou na Escola Técnica Superior de Engenheiros Industriais de Barcelona e no Pratt Graphic Center de Nova Iorque. Sua vasta obra abrange diversos temas sociais, políticos e da comunicação, sempre relacionando com o espaço público e com o privado. Utiliza diversos meios na criação de sua obra, tais como: fotografia, vídeo, publicações, internet, instalações e intervenções em espaços urbanos. Muntadas organizou e dirigiu diversos seminários em instituições acadêmicas da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina, onde destacamos a Escola Nacional de Belas Artes de Paris, a Universidade da Califórnia, o Instituto de Arte de São Francisco, a Universidade de São Paulo e a Universidade de Buenos Aires. Cabe ressaltar a sua participação na 6ª e na 10ª *Documenta de Kassel* (1977 e 1997), na Whitney Biennial of American Art (1991) e na 51ª *Bienal de Veneza* (2005), assim como nas bienais de São Paulo, de Lyon, de Taipei e de Havana. Entre as exposições individuais, podemos destacar *On Translation* que foi apresentada em diversos países do mundo como Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos e Argentina. Em 2010, apresentou, na Estação Pinacoteca, em São Paulo, a exposição *Informação-Espaço-Controle*, que, posteriormente, foi apresentada nos Estados Unidos e na Itália. Em 2011, apresentou a exposição *Eleven*, na Galeria Kent Fine Art, em Nova Iorque, e *Entre/Between*, no Centro de Arte Reina Sofia, na Espanha. A instalação *Atenção: Percepção requer envolvimento* (2002) – que fez parte da exposição *On Translation* e que, desde 2015, a partir da exposição *Destino dos Objetos*, está exposta permanentemente na entrada da Sala dos Pomares – é de autoria de Antoni Muntadas. O artista participou das seguintes exposições na Fundação Vera Chaves Barcellos: *Não existem dois elefantes iguais* (2007); *Um Ponto de Ironia* (2011) e *Destinos dos Objetos | O artista como colecionador e as coleções da FVCB* (2015).

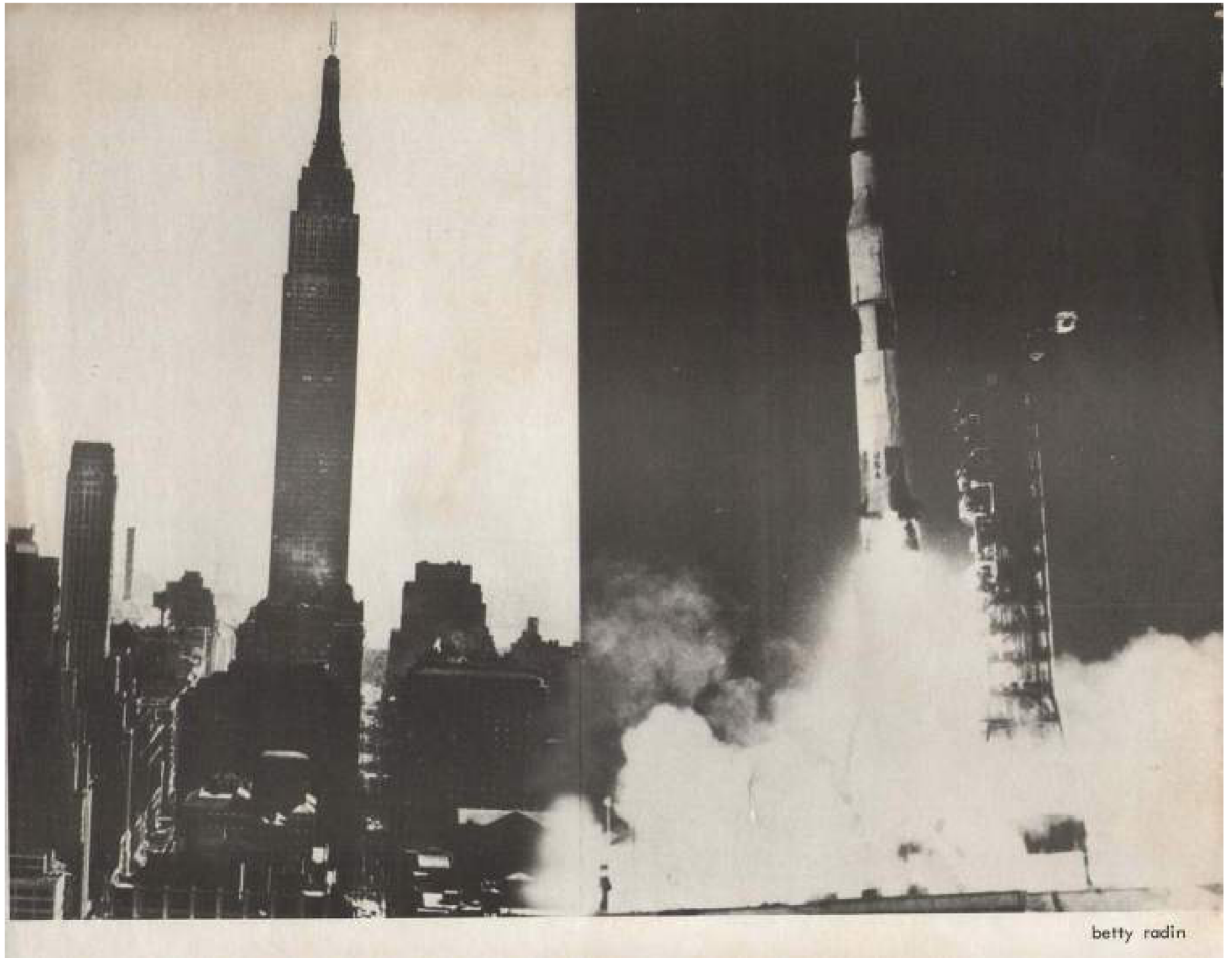
Livro sugerido: DIAS-PINO, Wladimir. *Processo: Linguagem e Comunicação*. São Paulo: Editora Vozes, 1971.

Música sugerida: *Masculino e Feminino*, Pepeu Gomes, 1983.

Filme sugerido: *A Garota Dinamarquesa*. Direção: Tom Hopper, 2015.

Obras relacionadas na exposição: *A Marca e o Logotipo Brasileiros*, de Wladimir Dias-Pino.
e *Los heroes populares de la mitologia urbana*, de Martha Hellion.

Ver na história da arte: *Arte e Tecnologia*.



betty radin

BETTY RADIN

Sem título, s/d

Fotocópia

Palavras-chave:

cidade – geopolítica – poder

Betty Radin, em *Sem título*, trabalha com o conceito de verticalidade, uma referência espacial que pode ser relacionada como demonstração de hegemonia. Há a apropriação de dois ícones marcantes do século XX que a obra da artista coloca em diálogo: os imponentes arranha-céus construídos nas grandes metrópoles ocidentais desse século e os foguetes utilizados pelas potências hegemônicas durante a chamada “conquista do espaço”, durante a Guerra Fria. As grandes cidades construídas no século XX privilegiaram a verticalidade e as superfícies planas sem adornos em suas concepções arquitetônicas, presentes, principalmente, no chamado *Estilo Internacional*, consolidado nos anos 1920, nos EUA, fortemente relacionado ao modernismo, seguindo influente até os anos 1970. Houve, posteriormente, um duplo significado da expressão *Estilo Internacional*, que se referia aos edifícios erguidos após a Primeira Guerra Mundial, nos Estados Unidos, como, também, aos projetos implementados pelas grandes corporações estadunidenses na segunda metade do século passado, tendo em vista que tal estilo serviu como uma demonstração pública nas grandes metrópoles do poder político e econômico dessas empresas. A analogia com os foguetes utilizados durante as missões Apolo estabelece-se com a disputa de poder, sempre presente nas relações geopolíticas no planeta, representadas na obra de Betty Radin, pela corrida espacial entre EUA e URSS no século XX.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Divida a turma em grupos, solicitando aos estudantes um projeto de cidade para as pessoas, explicitando como as relações horizontais privilegiam os espaços comunitários e a divisão de poderes, visando intercâmbios mais humanos, sustentáveis e eficientes. O livro sugerido neste material pode fornecer subsídios para os projetos. Ao final do trimestre, os grupos devem apresentar para a turma as maquetes dos referidos projetos.

Betty Radin (New London, EUA, 1932 - 2016): Betty Radin passa, a partir dos anos 1970, a produzir poesia visual e concreta, tendo grande parte da sua produção realizada em Londres, na Inglaterra. Utilizou diversos meios de comunicação e técnicas em sua produção, tais como colagens, fotocópias, fotomontagens, slides e técnicas utilizando o computador. Participou de diversas convocatórias de revistas que eram lançadas na capital londrina, onde a única regra para edição do trabalho era o envio da mesma quantidade de cópias que a tiragem da edição. O editor aqui, nessa proposta, era um mero compilador das obras enviadas pelos artistas. Em uma dessas revistas em que figuram obras de Betty Radin, a política editorial consistia em “aceitar tudo o que chega em 200 cópias pelo prazo (flexível)”. Essa forma de edição e de divulgação dos trabalhos foi muito utilizada por poetas concretos e por artistas visuais na Europa durante os anos 1970. A Fundação Vera Chaves Barcellos apresentou a obra *Sem título* de Betty Radin na exposição *Um Ponto de Ironia* (2011).

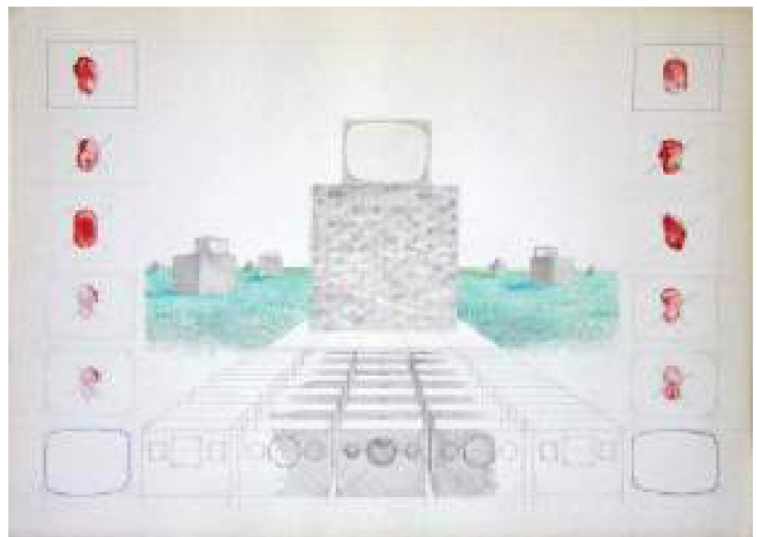
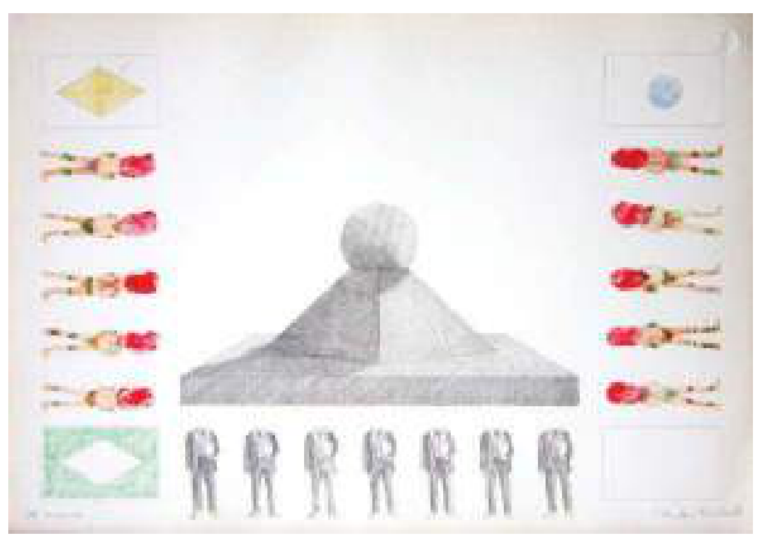
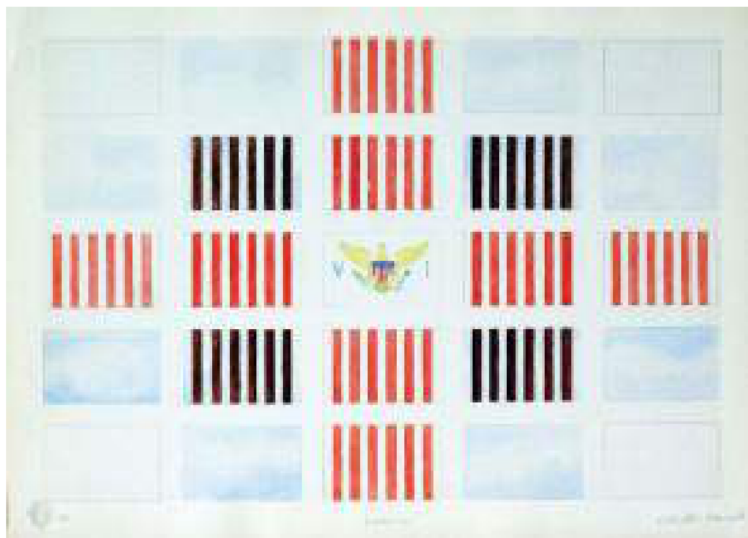
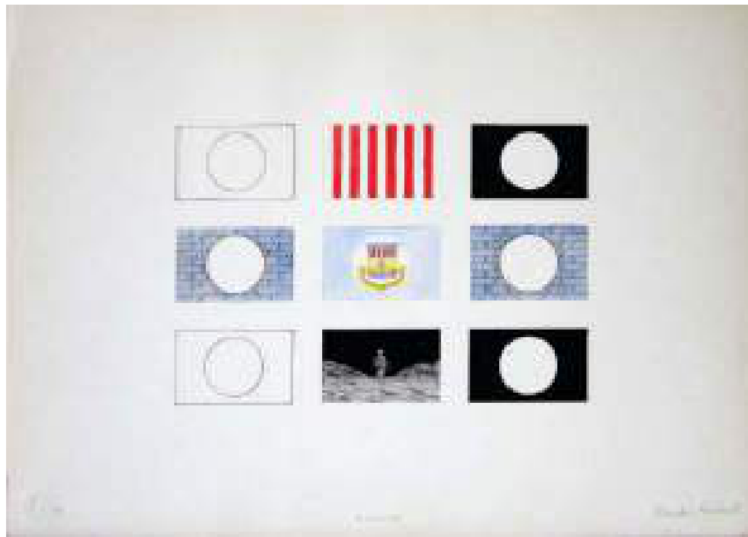
Livro sugerido: GHIL, Jan. *Cidades para as pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Música sugerida: *Space Oddity*, David Bowie, 1969.

Filme sugerido: *Os Eleitos*. Direção: Philip Kaufman, 1983.

Obras relacionadas na exposição: *Sem título, s/d*, de Jorge Orta e *79.89.09. 2011*, de Slavs and Tatars.

Ver na história da arte: Arte postal.



CLAUDIO GOULART

The flags, 1978

Desenho com lápis colorido e tinta de carimbo

Palavras-chave:

analogia – símbolos – identidade

Claudio Goulart, na sua série *The flags* realiza desenhos dando novos conteúdos às relações de representação históricas e políticas das nações. Para esta exposição, selecionamos 6 das 13 imagens que constituem a série. A primeira imagem, da esquerda para a direita, é uma possível referência a uma das variações da bandeira de Portugal, datada do final do século XIX, usada antes do regime republicano, instaurado no país em 1910. A próxima imagem é formada por 25 pequenos desenhos em um jogo de construção/desconstrução da bandeira do Uruguai. Os primeiros, em uma leve aquarela azul, remetendo-nos ao céu ou ao belíssimo litoral. No centro da composição, as listras e o sol da bandeira ficam bem nítidos. Na sequência, os símbolos vão deixando o lugar para um muro de tijolos cinza e preto, tendo nos dois cantos a bandeira totalmente desconstruída. A imagem seguinte é uma interpretação da bandeira e do brasão com uma águia no centro, em referência à bandeira dos EUA. Nas últimas três imagens, Claudio Goulart parece sugerir analogias das relações de poder entre as nações, os símbolos que as representam e os diversos grupos étnicos que as constituem. Na última imagem, uma alusão ao quarto poder (a mídia) emoldurado por digitais vermelhas, uma possível crítica às perdas identitárias, provocadas pela pasteurização dos meios de comunicação de massa, um discurso único, imperativo e insubstancial.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Peça aos alunos para discutirem sobre a bandeira e sobre o escudo do seu município. Após, diga para que, individualmente, façam um desenho, uma pintura ou uma colagem, reorganizando os itens presentes nela ou buscando outras referências que possam melhor representá-los como cidadãos participantes do município. Solicite que façam três versões a partir de observação do local em que vivem, partindo da memória (fatos históricos) e, por último, a partir da imaginação (desejos para o futuro, entre outros).

Claudio Goulart (Porto Alegre, Brasil, 1954/Amsterdã, Holanda, 2016): Viveu em Amsterdã desde 1976 até 2005, ano de sua morte. Estudou Arte e Arquitetura. O trabalho de Claudio Goulart consiste em instalações, em performances, em fotografias, em fotocópias, em vídeos, entre outras linguagens. Identidade e memória são temas recorrentes nos seus trabalhos, especialmente a identidade, compreendida a partir de uma combinação entre história e imagens contemporâneas. Realizou exposições individuais e participou de coletivas no Brasil e no exterior, como, por exemplo: em 1979, realizou a exposição *Claudio Goulart no N.O.*, no Espaço N.O., Porto Alegre, RS; em 1989, expôs a videoinstalação *Compass*, na Gallery Spoon, Tokyo; em 1997, participou da *VI Bienal de la Habana*, Havana e, em 2003, participou da exposição *A Short History of Video*, no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid. Na Fundação Vera Chaves Barcellos, suas obras fizeram parte das seguintes exposições coletivas: *A Imagem Lúcida - fotografia contemporânea no acervo FVCB* (2006); *Um Ponto de Ironia* (2011); *Um salto no espaço* (2014); *Humanas Interlocuções* (2016) e *A Condição Básica* (2018).

Livro sugerido: NOVAES, Adauto (Org.). *Anos 70. Ainda sob a tempestade*. São Paulo: Aeroplano, 2005.

Música sugerida: *Bachianas Brasileiras nº9*, Heitor Villa-Lobos, 1945.

Filme sugerido: *Memórias de Chumbo, o futebol nos tempos do condor*. Direção: Lúcio de Castro, 2012.

Obras relacionadas na exposição: *Colombia, s/d*, de Antonio Caro e *Para frente Brasil*, 2013, de Romy Potzaruk.

Ver na história da arte: Arte política.



REGINA SILVEIRA

Situação executiva, 1974

Serigrafia

Palavras-chave:

burocracia – democracia – representatividade

A obra de Regina Silveira, *Situação executiva* (1974) é constituída por três serigrafias e um envelope pardo. Um tipo de invólucro de documentos, apropriado pela artista, utilizado em escritórios. Nessa obra, a artista apresenta uma desumanização do mundo administrado, ao representar executivos “sem rosto”, uma característica essencial das burocracias, seja em instituições privadas, seja em governamentais. A despersonalização e a neutralização, ou mesmo, a tentativa de igualar distintas identidades, ação colocada em prática pelas burocracias, são possíveis chaves de leitura para a obra de Regina Silveira. A verdadeira representatividade, que só pode ser conquistada nos sistemas democráticos, tem sido um dos objetivos a ser atingido pelos países ocidentais; contudo, é algo que vem sendo constantemente colocado em xeque, o que obriga uma permanente vigília da população sobre os detentores do poder político. Estar representado nas decisões que afetam os destinos de milhões de pessoas de um país é condição *sine qua non* para a vitalidade da própria democracia, assim, a burocracia e o afastamento das pessoas dos ambientes onde são decididas as ações governamentais acabam por enfraquecer o próprio sistema de representação política.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Nas serigrafias da artista, os personagens não tem rosto. Após discutir retratos na História da Arte e as imagens sem rosto nas três serigrafias de Regina Silveira, peça aos alunos para realizarem dois exercícios:

1. Elaborar uma silhueta/autorretrato com elementos simbólicos que expressem a sua personalidade.
2. Elaborar uma composição (painel) como se fosse uma fotografia da turma com os resultados do exercício anterior.

As imagens carregam significados em si mesmas, contudo, o significado também é condicionado pelo contexto histórico temporal. Após a finalização do painel da turma, peça ao grupo para discutir os diferentes modos de representação simbólica das diversas personalidades que o compõe. Para finalizar, escolham três palavras-chave que identifiquem o grupo como um todo. Para enriquecer a discussão sobre os exercícios, o professor deverá promover dois debates: 1º, sobre as questões identitárias do grupo e suas representatividades; 2º, sobre as noções de Democracia Grega e Democracia Contemporânea.

Regina Silveira (Porto Alegre, Brasil, 1939): Atualmente, vive e trabalha em São Paulo. A artista possui carreira consolidada no Brasil e teve como referência importante a obra de Marcel Duchamp (1887-1968), trabalhando com total liberdade os seus códigos de representação. No fim da década de 1960, Regina Silveira passa a realizar serigrafias e esculturas com forte tradição geométrica-constructivista. Dentre as participações em exposições, podemos destacar as 17ª e 24ª Bienais de São Paulo, as 3ª e 8ª Bienais do Mercosul, além de presenças na 11ª Bienal de Cuenca e na 6ª Bienal de Tapei. Regina Silveira estudou no Canadá através de uma residência de bolsa pelo Banff Centre (1993); Fundação Civitella Ranieri, Nova Iorque, e Umbertide, Itália (1995). Ela também foi artista convidada na Universidade do Texas, Austin (1998). No início de sua carreira, Regina Silveira trabalha com formas geométricas. Já na década de 1970, a artista passa a utilizar livremente outras mídias e plataformas para a sua criação artística, fazendo trabalhos com vídeo, com fotografia, com colagem, com fotocópias e com cartões postais. A seguir, volta a sua atenção e energia para a temática da ocupação do espaço, subvertendo a perspectiva, a representação e a atenção do espectador. A partir dos anos 1990, a artista gaúcha é reconhecida internacionalmente, recebendo diversos prêmios e bolsas para residências artísticas. Utiliza-se, cada vez mais, dos meios tecnológicos disponíveis na contemporaneidade, chegando a afirmar que o seu trabalho é uma “forma de computação feita à mão”. Participou das seguintes exposições na FVCB: *Silêncios e Sussurros* (2010); *Um Ponto de Ironia* (2011); *Um salto no espaço* (2014) e *Humanas Interlocuções* (2016).

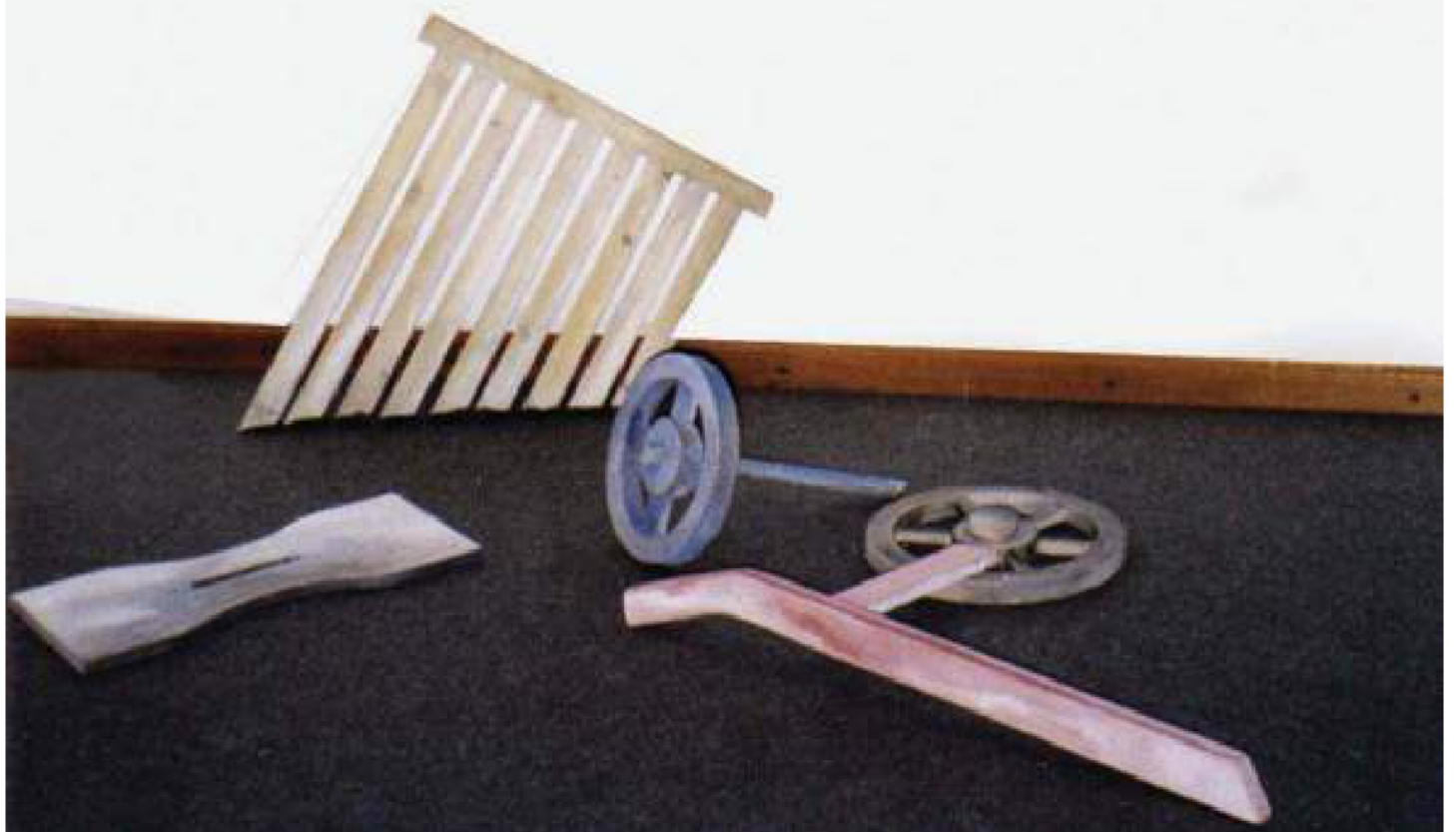
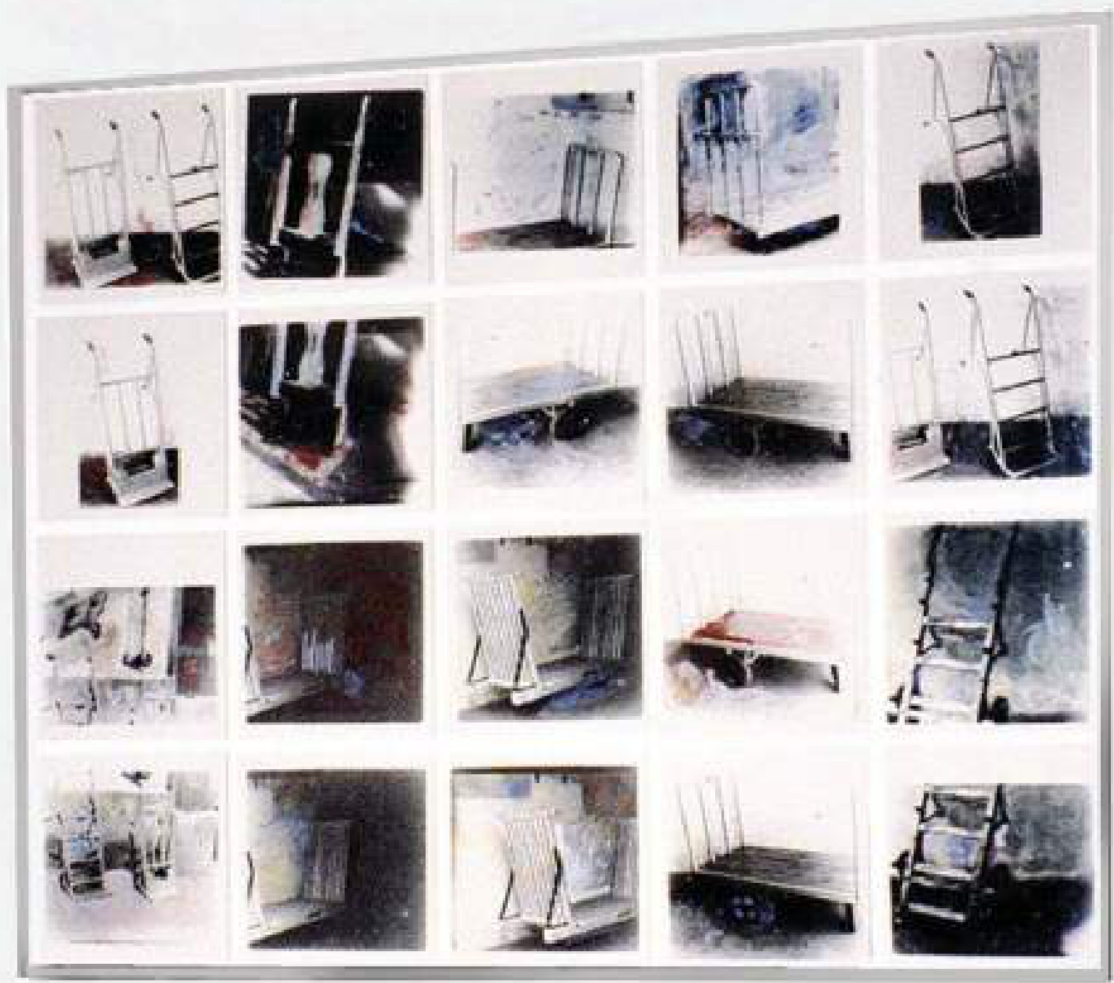
Livro sugerido: HRABAL, Bohumil. *Uma Solidão Ruidosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Música sugerida: *Choros Nº 10 Rasga Coração*, Heitor Villa-Lobos, 1926.

Filme sugerido: *O Processo*. Baseado na obra de Franz Kafka. Direção: Orson Welles, 1962.

Obras relacionadas na exposição: *Art Marks* e *Two Senses in a Political Arena*, de Mary Dritschel.

Ver na história da arte: Arte conceitual.



VERA CHAVES BARCELLOS

Vadios, 1996

Instalação

Palavras-chave:

trabalho – humano – vazio

Vadios (1996) é uma instalação feita a partir de 20 negativos encontrados nas ruas de Barcelona, aos quais são somadas a peças de madeira pintada. As imagens, manipuladas de formas múltiplas, apresentam carrinhos de transporte de cargas vazios; as peças, elaboradas e construídas pela artista, representam pedaços desses mesmos equipamentos. O espectador, ao relacionar a obra com o seu título, perceberá a ausência da ação humana, o vazio, um continente sem conteúdo. Nesse sentido, é importante destacar a importância do trabalho na existência humana, não somente enquanto responsável por suprir as necessidades materiais do ser humano, mas como uma forma de reconhecimento social dentro da comunidade em que o trabalhador está inserido. O trabalho pode ser considerado uma extensão das capacidades humanas de criar e de inventar. O resultado do trabalho dependerá, fortemente, do desenvolvimento das funções cognitivas que são fomentadas e incentivadas durante a vida escolar e acabará por ditar a qualidade do período laboral na vida adulta. A educação, enquanto promotora do sentido do trabalho para o ser humano, pode contemplar, também, satisfação e contentamento durante a sua existência.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Solicite para a turma que escrevam um texto sobre as atividades profissionais de seus familiares. Nessa escrita, também deverá conter uma reflexão e uma projeção daquilo que o estudante almeja para o seu futuro profissional e uma consequente demonstração do que ele precisará realizar para atingir os seus objetivos. Em um ambiente de incentivo, discuta com seus alunos as escolhas apresentadas nos textos de cada um, pedindo que eles leiam as suas produções. A desmistificação de estereótipos de gênero, em temas de trabalho, nas escolhas profissionais, poderá ser um dos temas propostos para o debate em sala de aula.

Vera Chaves Barcellos (Porto Alegre, Brasil, 1938): Nos anos 1960, dedicou-se à gravura depois de frequentar, por dois anos, o curso de artes plásticas no então Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. No início da década de 1970, passou a utilizar a fotografia em seu trabalho. Em 1975, aprofundou seu conhecimento em técnicas gráficas e em fotografia, com bolsa do British Council, no Croydon College, em Londres. Em 1976, fez parte da representação do Brasil na Bienal de Veneza com o trabalho *Testarte*. Participou do grupo Nervo Óptico (1976 – 1978) e foi uma das fundadoras do Espaço N. O. (1979 – 1982) e da galeria *Obra Aberta* (1999 – 2002). Em 2005, instituiu a Fundação Vera Chaves Barcellos, dedicada à arte contemporânea e a qual preside desde então. Realizou inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Entre suas exposições individuais, realizadas nos últimos anos, estão: *O Grão da Imagem – Uma viagem pela poética de Vera Chaves Barcellos*, no Santander Cultural, em Porto Alegre (2007); *Imagens em Migração – uma exposição de Vera Chaves Barcellos*, no Museu de Arte de São Paulo (2009); *Per gli Ucelli*, Octógono, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo (2010); *Enigmas*, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, em São Paulo (2015); *Vera Chaves Barcellos – fotografias, manipulações e apropriações*, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro (2017). Entre suas últimas exposições coletivas, estão: *Nervo Óptico: 40 anos*, Centro Cultural São Paulo (2016); *El mundo en su espuma*, Ángeles Baños, Badajoz, Espanha (2017); *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, Estados Unidos (2017). Além disso, participou de quatro Bienais de São Paulo e de exposições coletivas na América Latina, na Alemanha, na Bélgica, na Coreia, na França, na Holanda, na Inglaterra, no Japão, nos Estados Unidos e na Austrália.

Livro sugerido: SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Música sugerida: *Construção*, Chico Buarque, 1971.

Filme sugerido: *Metrópolis*. Direção: Fritz Lang, 1927.

Obras relacionadas na exposição: *New kitten* da série *Álbum*, de Vik Muniz e *Vestidos para Morrer*, de Helena Martins Costa.

Ver na história da arte: Fotografia na Arte Contemporânea.

BANCO AG CONTA
0000 AGA 000.000-B

Nº Cr \$
000. ABC

PAGUE POR ESTE
CHECKE A QUANTIA DE _____

_____ E CENTAVOS ACIMA

A _____ OU À SUA ORDEM

BANCO _____ DE _____ DE 198 _____

ALMANDRADE S.A.



9/100

d/Almandrade 1976-20

ALMANDRADE

Sem título, 1977/1981

Sem Cruzeiros, 1976/2014

Fotocópia

Palavras-chave:

poesia concreta – sistema econômico – sistema financeiro

Apresentamos a obra *Sem título* (1977/1981) do artista, poeta e escritor baiano Almandrade, uma cópia de cheque manipulada e alterada, com o nome de Banco Almandrade. No trabalho, temos o humor como uma forma de crítica ao sistema financeiro. Na mesma linha de ironia, a obra *Sem Cruzeiros* (1976/2014) joga com o uso da preposição *Sem*, ao invés do numeral, *Cem*, foneticamente idênticos. Uma possível reflexão sobre a obra de Almandrade reside no fato de que, com a consolidação do sistema capitalista no século XX, não somente o sistema econômico passou a possuir papel preponderante na existência humana e das nações, mas, principalmente, o sistema financeiro. Entende-se sistema financeiro pelo conjunto de mecanismos que possuem a finalidade de transferir os recursos em poder dos poupadores e dos investidores para o setor produtivo e para o setor de consumo. Contudo, muitas vezes, os operadores desse sistema recebem críticas do chamado setor produtivo, tendo em vista que os ativos que circulam pelo sistema financeiro permanecem parados, não sendo investidos ou alocados na produção. Nesse sentido, a crítica dos chamados “capitalistas desenvolvimentistas” aponta que o não reinvestimento desse precioso dinheiro do sistema financeiro acaba por gerar estagnação econômica, onde a riqueza permanece não distribuída, sendo apenas remunerada por juros, e não cria desenvolvimento social e econômico para o país. Logo, o dinheiro em si não gera riqueza, e sim, o seu uso adequado, como foi explicitado pelas palavras do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade: “O cofre do banco contém apenas dinheiro. Frustra-se quem pensar que lá encontrará riqueza”.

PROPOSTA DE ATIVIDADE: Peça aos alunos que pesquisem diversos sistemas monetários, as notas da nossa moeda e os símbolos nelas inseridos. A partir dos resultados dessas pesquisas eles deverão apresentar suas próprias moedas, bilhetes, notas ou cheques com os seus próprios signos e símbolos de acordo com os conceitos de valor e representação que cada um julgar pertinente. Para finalizar, solicite que realizem o exercício de intercambiar os trabalhos no grupo explicitando o “valor” das trocas.

Almandrade (São Felipe, Brasil, 1953): Antonio Luiz Morais de Andrade é conhecido pelo pseudônimo artístico Almandrade. Poeta, professor de teoria da arte e artista visual, mestre em desenho urbano, integrou diversas coletivas de poemas visuais, multimeios e instalações no Brasil e no exterior. O artista transita pela poesia visual e pela arte conceitual, onde a palavra é parte importante de sua poética. Foi também um dos criadores do Grupo de Estudos da Linguagem, que editou, em 1975, a revista *Semiótica*. Esteve presente com as suas obras na 12ª, na 13ª e na 16ª Bienais de São Paulo e *Em Busca da Essência*, uma mostra especial que ocorreu na 19ª Bienal de São Paulo. Além de constar na coleção da Fundação Vera Chaves Barcellos, vários acervos particulares e públicos possuem obras de sua autoria: Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu Nacional de Belas Artes, Museu da Cidade de Salvador, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Pinacoteca Municipal de São Paulo, Museu Afro de São Paulo e Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Recebeu dois importantes prêmios em concursos: Artes plásticas, do Museu de Arte Moderna da Bahia, em 1982 e o Prêmio FUNDARTE, no 39º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, em 1986. *O Sacrifício do Sentido*, *Obscuridades do Riso*, *Poemas e Textos sobre arte* são alguns dos livros publicados por Almandrade. Na FVCB, o artista participou da exposição coletiva *Destinos dos Objetos | O artista como colecionador e as coleções da FVCB*, no ano de 2015.

Livro sugerido: ALMANDRADE. *Escritos sobre arte: Arte, Cidade, e Política Cultural*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, Cispoesia, 2008.

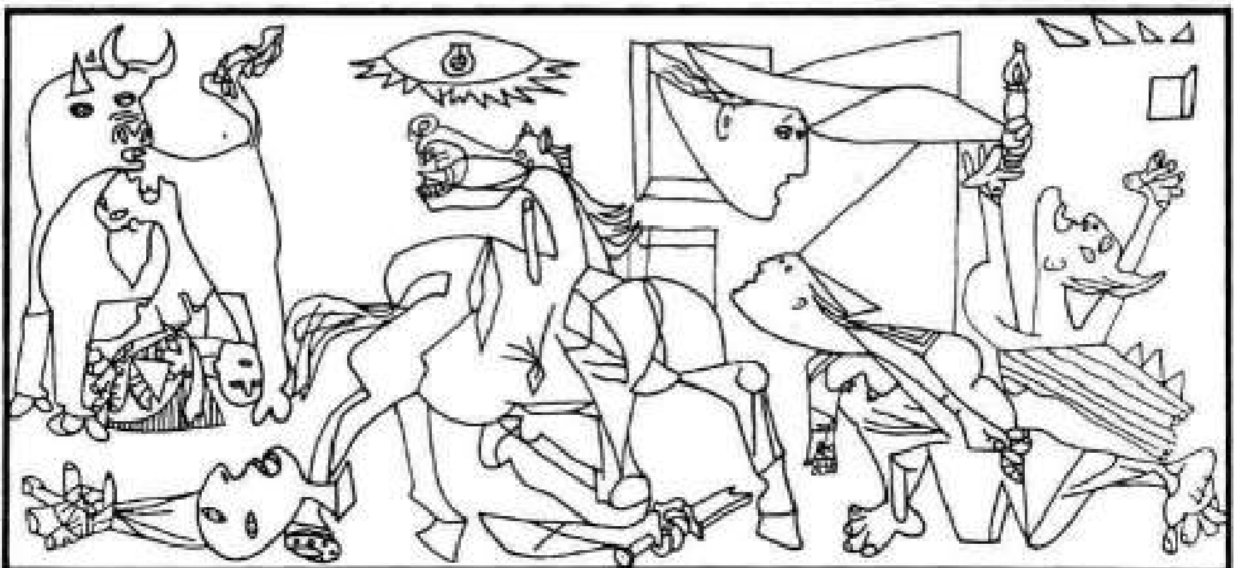
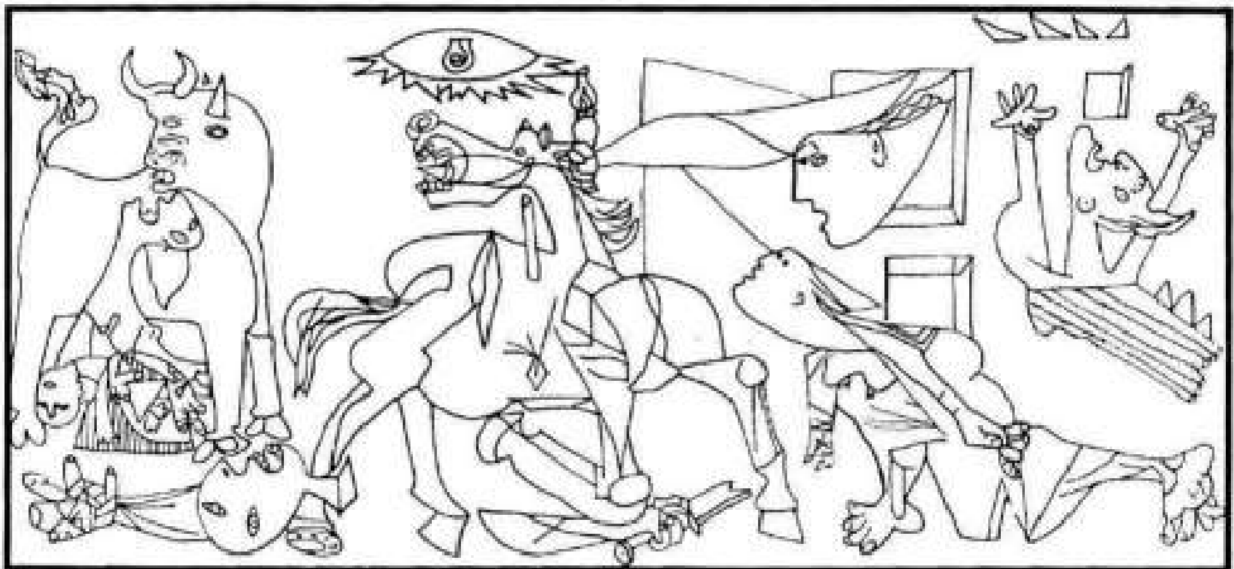
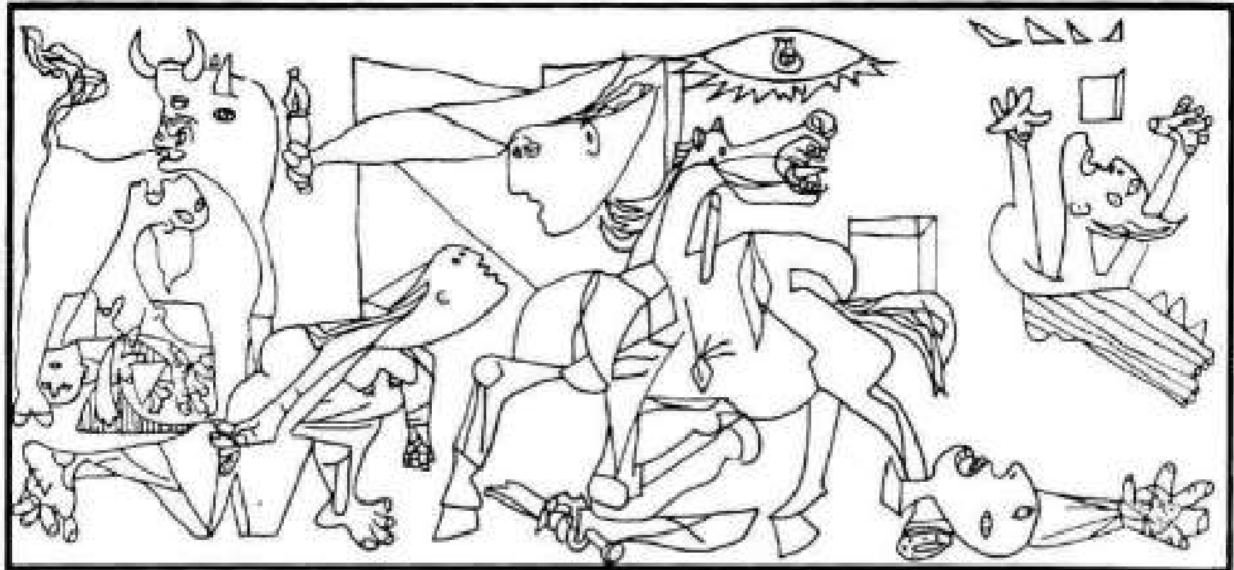
Música sugerida: *Money*, Pink Floyd, 1973.

Filme sugerido: *O homem que copiava*. Direção: Jorge Furtado, 2003.

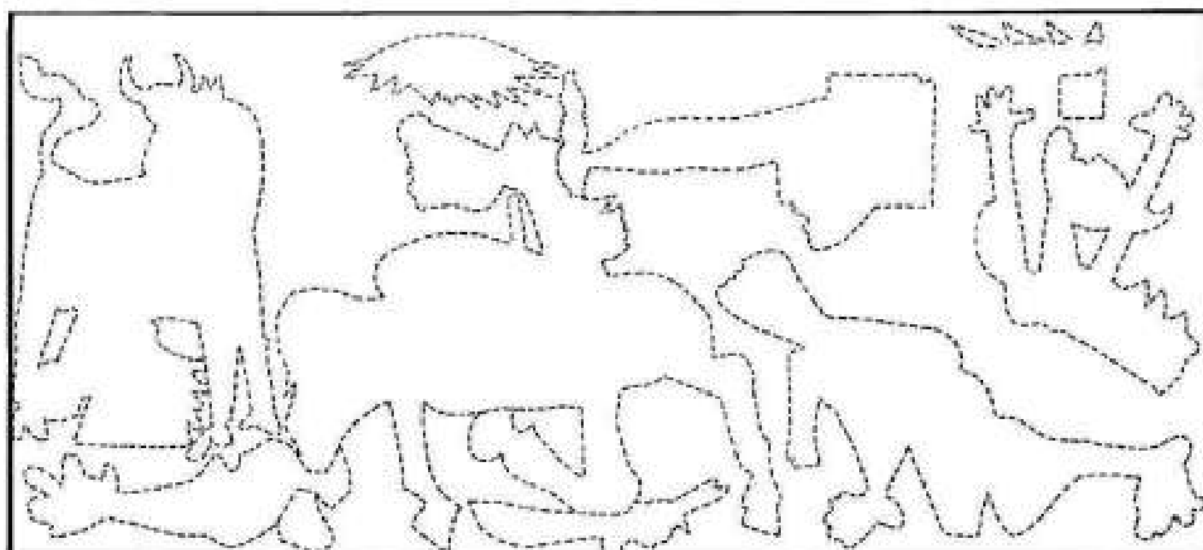
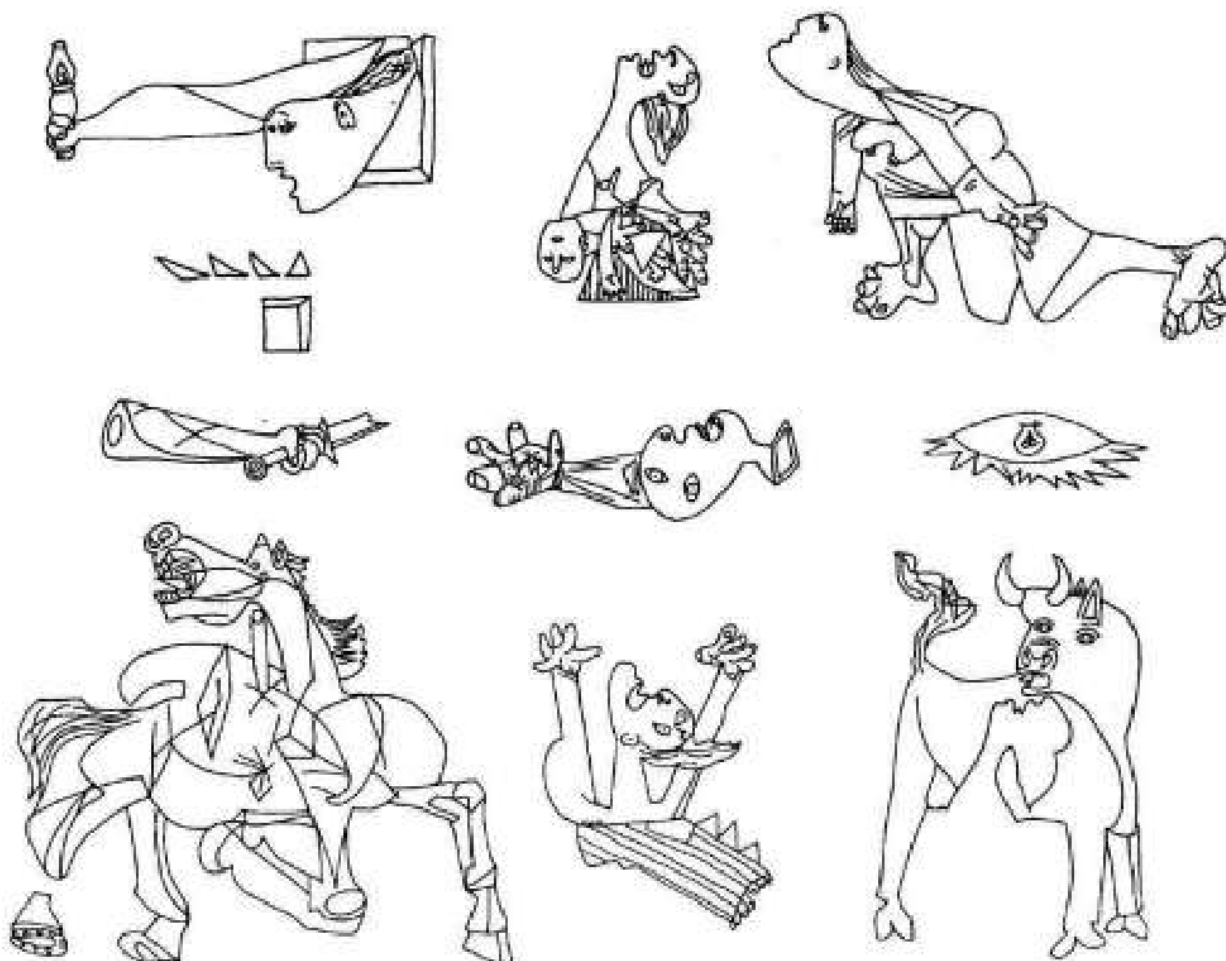
Obras relacionadas na exposição: *Monedário*, de Patricio Farías e *Dólar Instável*, de Milton Marques.

Ver na história da arte: Poesia concreta. Renascimento Holandês – História Social da Arte.

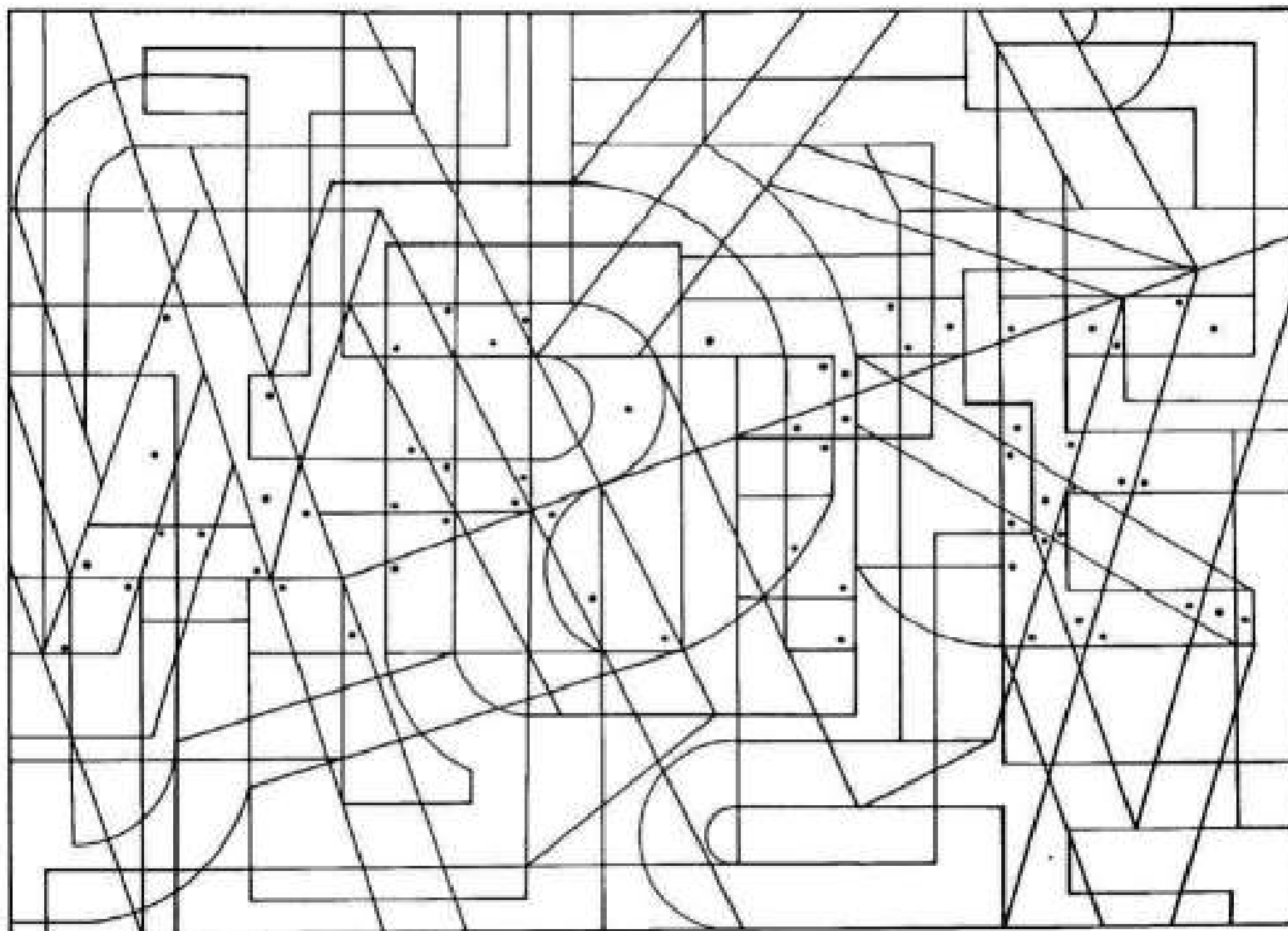
TESTE 1



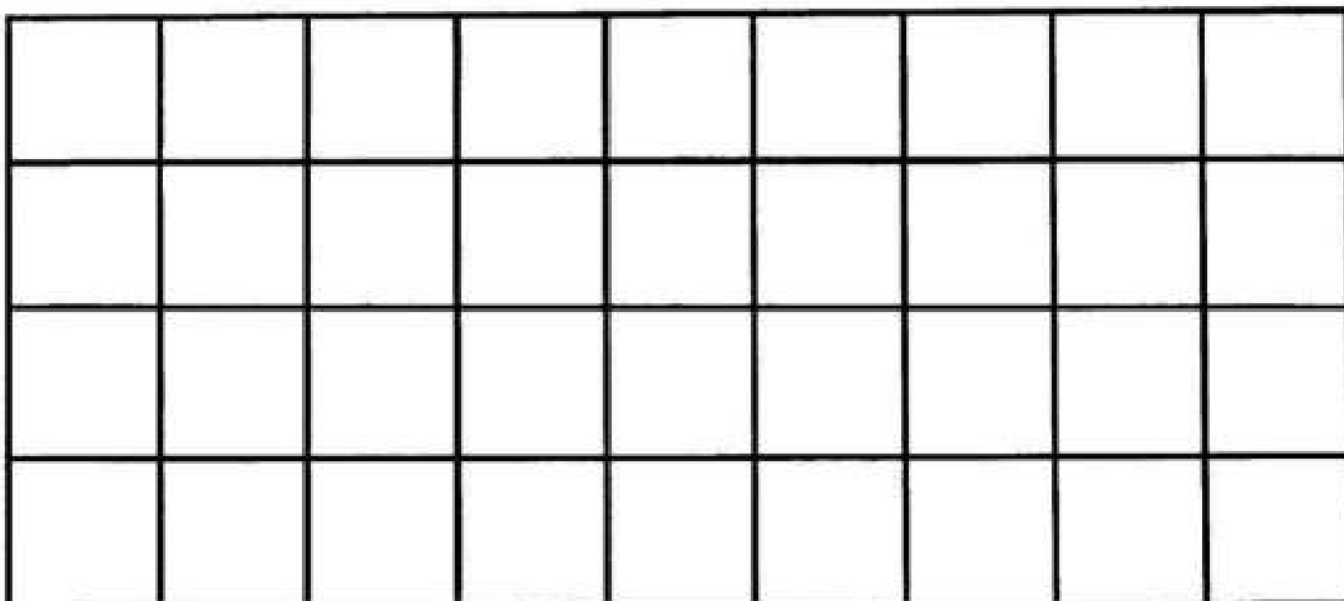
TESTE 2



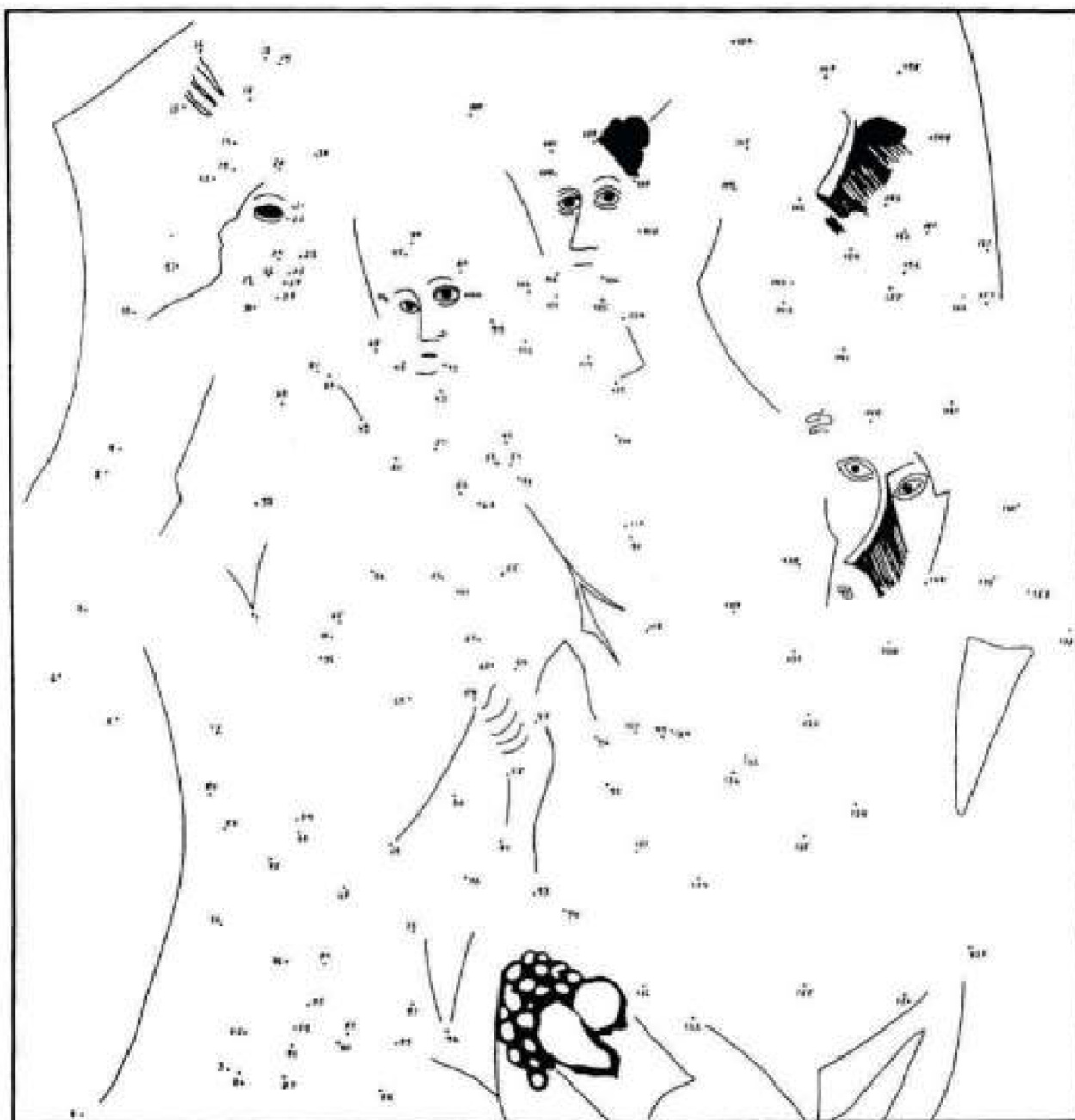
PINTA-PONTO



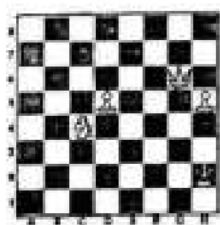
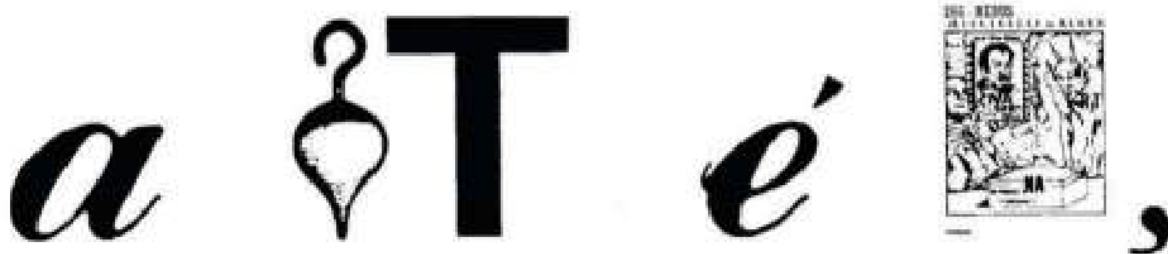
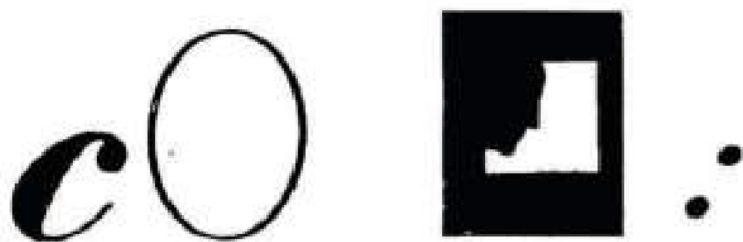
QUEBRA-CABEÇA



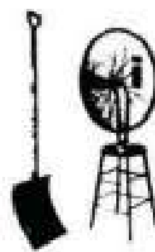
LIGA-PONTO



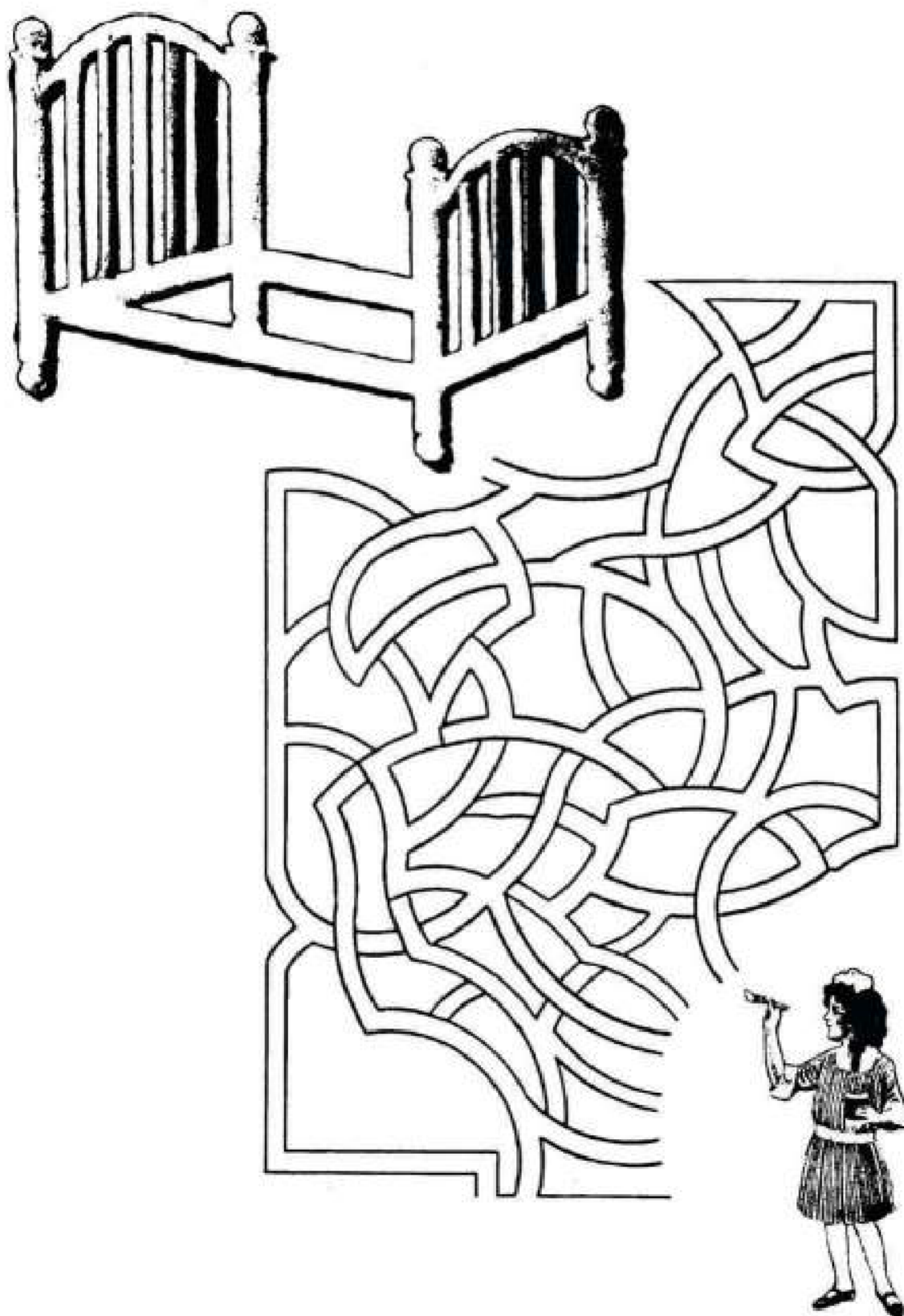
RÉBUS PARA DUCHAMP



ou



LABIRINTO



JOGO DOS ERROS

